



CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS

NOTA PÚBLICA EM HOMENAGEM A JANAÍNA DUTRA E FERNANDA BENVENUTTY

“Que nada nos limite, que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância, já que viver é ser livre.” (Simone de Beauvoir)

No mês em que se comemora o dia internacional da mulher, o Conselho Nacional dos Direitos Humanos presta homenagem a duas mulheres militantes de direitos humanos, ativistas, nordestinas e trans: **JANAÍNA DUTRA** e **FERNANDA BENVENUTTY**. Trata-se, nesse março de 2020, de reconhecer que mulheres se fazem além do sexo biológico, mulheres se fazem na luta política por reconhecimento, na coragem de enfrentar a hostilidade de uma sociedade patriarcal que normalizou o machismo. Essas mulheres, que receberam sua primeira identidade social masculina, se lançaram no voo de serem elas mesmas (para usar a poesia de Manoelzinho, amigo de infância de Janaína, que fala no lindo documentário sobre sua vida, Janaína Dutra - uma dama de ferro, direção de Vagner de Almeida). Trata-se aqui, com essas homenagens de superar as limitações que engessam a compreensão sobre sexo e gênero e, portanto, sobre a humanidade. Na busca por mais igualdade, queremos com essas homenagens destacar que as conquistas de reconhecimento das mulheres devem ser estendidas às mulheres travestis e transexuais, que são tão vulnerabilizadas no contexto social.

Janaína Dutra nasceu em Canindé, Ceará, em 30 de novembro de 1960. Formou-se em direito e foi a primeira portadora de carteira profissional da Ordem dos Advogados do Brasil com imagem de mulher apesar do nome masculino (a OAB somente iria admitir o nome social na carteira profissional em 2016, doze anos depois da morte de Janaína, vítima de câncer, em 8 de fevereiro de 2004). Janaína é reconhecida nacionalmente como “a primeira travesti advogada no Brasil”. Sua luta pelos direitos dos homossexuais, de travestis e transexuais e no movimento de combate à AIDS venceu as barreiras geográficas de seu estado natal alcançando importância nacional. Sua busca era para reverter a intolerância em solidariedade e respeito. Era feita de ferro e de flor, era uma pessoa que voava com a alma.

Fernanda Benvenutty nasceu em Remígio, Paraíba, em 9 de fevereiro de 1962. Benvenutty é estilização pessoal do italiano *benvenuti* (bem-vindos, em português) que compunha seu sobrenome original. Fernanda era técnica em enfermagem, ficando a meio do caminho do sonho de seu pai que era ter o filho médico. Por isso denunciava o sistema educacional como um limitador, defendendo a necessidade de romper o preconceito desde o ensino fundamental. Era parteira, carnavalesca, ativista dos direitos das pessoas LGBTQI+ e morreu no mês passado, no dia 2 de fevereiro de 2020, em João Pessoa, também vitimada por um câncer, nas vésperas do carnaval em que a escola de samba por ela fundada, Unidos do Roger, entraria na avenida com o enredo Abram Alas que Ela vai Passar, em sua homenagem.

Janaína e Fernanda foram protagonistas e pioneiras na constituição de organizações da sociedade civil em defesa de direitos humanos tanto nos seus estados de origem, Ceará e Paraíba, como no âmbito nacional, e contribuíram com a construção de políticas públicas para atender os direitos fundamentais das pessoas no contexto da diversidade sexual e de gênero. Ambas tiveram papéis familiares e sociais relevantes, cativando as pessoas à sua volta, e servindo de exemplo de resistência sem perder a ternura. Sua luta por igualdade de direitos, dignidade e respeito à diversidade de todos os seres humanos inspira a nossa luta.

*Eu encontrei meu povo.
Eu encontrei meu mundo.
Eu encontrei um pequeno planeta: eu próprio
Onde o amor é a única lei,
onde o sorriso é prece,
onde dançar é divino,
onde todo momento é sagrado
e onde ser natural é a única espiritualidade.
(Janaína Dutra)*

JANAÍNA DUTRA presente!
FERNANDA BIENVENUTTY presente!

Brasília, 11 de março de 2020
CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS